

## São Basílio sobre os Clássicos, citado por Eça de Queiroz

Quem lê Eça de Queiroz dá-se conta de que é notável a sua familiaridade com a literatura grega e com os escritores latinos, testemunhada em várias obras.

A leitura desprevenida do passo da carta escrita de Paris a Alberto de Oliveira, em 6 de Agosto de 1894, dizendo: “Eu porém, que sou um fiel leitor de Homero, sei quanto custa aos Deuses descenderem do Olimpo”<sup>1</sup> — levou Marcus Jong, em 1938, a sugerir que o romancista lia o grego e directamente no original se inspiraria um dos seus contos. *A Perfeição*<sup>2</sup> baseia-se nos versos do Canto V da *Odisseia* (1-296) concluindo embora com uma outra filosofia: “Diante da perspectiva de voltar ao convívio humano, o Ulisses de Eça despoja-se da grandeza de “herói divino” e apresenta-se na nudez da sua humanidade temerosa, impaciente, arrebatada e inquieta. A recusa de imortalidade e de perfeição reveste-se aqui de maior significado: transcende a pessoa do herói, para representar a sujeição do Homem ao perecível e ao imperfeito, estigmas da condição humana”<sup>3</sup>.

É decerto com alguma ironia que escreve de Bristol, em 1885, nas *Notas Contemporâneas*: “Quem lê hoje Homero? Quem lê Dante? Qual de vós, qual de nós, leu a ‘Odisseia’ e ‘Os Sete diante de Tebas’, e Sófocles, e Tácito, e o ‘Purgatório’, e os dramas históricos de Shakespeare, e até

---

<sup>1</sup> EÇA DE QUEIROZ, *Correspondência*. Leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho, Lisboa, 1983, 2.º vol., 328.

<sup>2</sup> EÇA DE QUEIROZ, *Contos*, in *Obras*, Porto, Ed. Lello, vol. 1, 843-856; ed. Livros do Brasil, 225-244.

<sup>3</sup> “A Humanidade de Ulisses”, por Maria Manuela Barroso de Albuquerque e Maria de Lurdes Flor de Oliveira in *Euphrosyne*, Nova Série, vol. IV, 1970, 165-172; cf. 171.

Voltaire, e até Camões?”.<sup>4</sup> Talvez naquela data Eça não haja lido ainda Homero. O conto *A Perfeição* foi publicado na *Revista Moderna* de Paris em Maio de 1897. Mas a inspiração veio-lhe da leitura da versão francesa de Leconte de Lisle, publicada em Paris em 1868, conforme está demonstrado<sup>5</sup>.

As alusões a autores latinos são muitas vezes referências vagas ou colhidas em leituras francesas. Latim, porém, havia Eça estudado nos versos de Virgílio e talvez estivesse a desabafar, um pouco lembrado dessas horas laboriosas com a gramática e o dicionário, quando escreve nas *Cartas de Inglaterra*: “... apenas a luz do entendimento se abre aos nossos filhos, sepultamo-la sob grossas camadas de latim! Depois do latim acumulamos a retórica! Depois da retórica atulhamo-la de lógica (de lógica, Deus piedoso!)”<sup>6</sup>.

Talvez também a Lógica a tivesse ele aprendido no original do Genuense, cujas *Institutiones Logicae in usum tironum* foram publicadas em 1773 na Imprensa da Universidade de Coimbra por ordem do Marquês de Pombal, apesar de no oitavo decénio do século haverem sido feitas três traduções para vernáculo. Estava-lhe o manual ainda bem presente quando, em 1867, ido de Coimbra para o Alentejo, escreve a 20 de Janeiro no *Distrito de Évora*: “Apliquemos para aqui aquele exemplo de Séneca, citado por Genuense: ‘Mille sunt exempla, in quibus pertinacia impedimentum omne transcendit, ostenditque nihil esse difficile, cujus sibi ipsa mens patientia indiceret’”<sup>7</sup>.

Por reconhecer decerto quanto devia ao contacto com a literatura do Lácio é que põe na boca do abade Custódio de *Os Maias* a conhecida recomendação: “Deve-se começar pelo latinzinho, deve-se começar por lá ... É a base; é a basezinha!”<sup>8</sup>.

Pode-se ver em expressões ou metáforas, reminiscências da *Eneida* em *Os Maias*, mas uma transcrição de dois versos do poema (VI, 302—303) no *Crime do Padre Amaro* sai da boca do senhor vigário geral em confirmação de que “somos todos passageiros forçados da barca de Caronte”,

<sup>4</sup> *Obras*, vol. 2, 1428; ed. Livros do Brasil, 93.

<sup>5</sup> V. *Dicionário de Eça de Queiroz*, Organização e coordenação de A. CAMPOS MATOS, 2ª ed., Lisboa, 1993, 747-752, “Presença clássica em E. de Q.”, por Manuel dos Santos Alves, e 704, “Perfeição (A)”.

<sup>6</sup> *Obras*, vol. 2, 526.

<sup>7</sup> *Obras*, vol. 4, 356.

<sup>8</sup> *Obras*, vol. 2, 47; ed. Livros do Brasil, 63.

*Ipse ratem conto subigit, velisque ministrat  
Et ferruginea subvectat corpora cymba*<sup>9</sup>.

Das *Bucólicas* e das *Geórgicas* virgilianas são mais frequentes e mais desenvolvidas as citações, ora no rigor da lição textual, ora com alguma adaptação.

O primeiro verso da primeira *Bucólica* serve como exemplo dado pelo “bom abade Custódio” em *Os Maias*: “A instrução para uma criança não é recitar *Tityre, tu patulae recubans* ... É saber factos, noções, coisas úteis, coisas práticas ...”<sup>10</sup>. O final do mesmo verso dá-no-lo Eça na carta de Paris de 1888 a Eduardo Prado da *Correspondência de Fradique Mendes*: “Não esquecerei as queijadas da Sapa; Ficalho, que aqui jantou e filosofou ontem *sub tegmine fagi* recebeu das minhas mãos o exacto estudo e as estampas do seu compatriota sobre a *Macuna Glabra*”<sup>11</sup>.

Outro verso da mesma *Bucólica* (I, 6) é parafraseado e comentado na mesma *Correspondência de Fradique Mendes*, a terminar uma das cartas a Madame de Jouarre: “*Deus nobis haec otia fecit in umbra Lusitaniae pulcherrimae* ... Mau latim — grata verdade”<sup>12</sup>.

Nesta primeira *Bucólica*, Virgílio exalta a vida feliz do pastor Títiro, que conseguiu recuperar os seus campos. O companheiro de pastorícia, Melibeu, dirige-lhe estes versos, que Eça de Queiroz em parte transcreve e nos quais se inspira para uma tradução livre em *A Cidade e as Serras*:

46. Fortunate senex! ergo tua rura manebunt.

51. Fortunate senex! hic inter flumina nota

52. Et fontes sacros, frigus captabis opacum.

Em tradução rigorosa, diríamos: Ó meu afortunado velho! Então os campos continuarão a ser teus! Velho afortunado! Aqui, entre rios bem conhecidos e fontes sagradas, gozarás de uma intensa frescura. Na sua transcrição do verso 46 Eça de Queiroz encontrou *arva*, equivalente a *rura*, ambas as palavras com o significado de campos de cultura e de pasto, e verteu elegantemente: “Afortunado Jacinto, na verdade! Agora, entre campos que são teus e águas que te são sagradas, colhes enfim a sombra e a paz!”<sup>13</sup>.

É também em *A Cidade e as Serras* que Jacinto recorre às *Geórgicas* (II, 95-96) e “com um resplendor de optimismo na face, citou Virgílio: — *Quo*

<sup>9</sup> *Obras*, vol. 1, 357; ed. Livros do Brasil, 483.

<sup>10</sup> *Obras*, vol. 2, 48; ed. Livros do Brasil, 63.

<sup>11</sup> *Obras*, vol. 2, 803 e 1105.

<sup>12</sup> *Obras*, vol. 2, 1084; ed. Livros do Brasil, 199.

<sup>13</sup> *Obras*, vol. 1, 473; ed. Livros do Brasil, 154.

*te carmine dicam, Rethica?* Quem dignamente te cantará, vinho amável destas serras?”. José Fernandes encontra mais adiante, nas mesmas *Geórgicas* (II, 533), um verso para lhe responder: “Eu, que não gosto que me vantagemem em saber clássico, espanejei logo também o meu Virgílio, louvando as doçuras da vida rural: — *Hanc olim veteres vitam coluere Sabini* ... Assim viveram os velhos Sabinos”<sup>14</sup>.

Esta última citação, aí expressamente localizada, já aparecia na carta dirigida a Eduardo Prado, incluída na *Correspondência de Fradique Mendes* atrás referida: “Mas, justos Céus! estou refazendo o Livro II das *Geórgicas*! *Hanc olim veteres vitam coluere Sabini*. Assim viveram os velhos Sabinos”<sup>15</sup>.

Também em vários passos Eça de Queiroz menciona escritores da Patrística, como João Crisóstomo, João Damasceno, Cipriano, Jerónimo, Agostinho, a par de autores da Escolástica, como Boaventura e Tomás de Aquino. Que estes nomes lhe fossem conhecidos nada surpreende, e menos se estranhará que os refira — a propósito ou mesmo a algum despropósito. Como não haveria de aparecer-lhe oportunidade de colocar um destes nomes na boca de qualquer eclesiástico da galeria de seus personagens, ou de entre uns e outros estabelecer comparação?

O facto de Eça, em um caso, remeter para uma pequena obra da Patrística grega bem identificável conduziu-nos a uma pesquisa das suas menções a Padres da Igreja, que serviu para um verbete na segunda edição do *Dicionário de Eça de Queiroz*<sup>16</sup>. Por acidente que não sabemos explicar, perdeu-se a parte do texto que lhe dizia respeito e que suscitara tudo o mais.

Em uma das *Notas Contemporâneas*, em que faz humor sobre uma poesia do papa Leão XIII, a que chama “Encíclica Poética sobre a Alimentação Cristã”, traz à colação numerosos escritores eclesiásticos e, a certa altura, escreve: “S. João Capristano, Santo Ambrósio de Sena, S. Carlos Borromeu, S. Macário, S. Basílio, viveram de ervas, de côdeas secas, que alguns salpicavam de cinza, e outros, como S. Lourenço, arcebispo de Dublin, mergulhavam para mais funda humildade na água suja dos porcos”<sup>17</sup>.

Aqui, S. Basílio é apresentado como um de entre outros modelos de asceta. Mas o que pode constituir curiosidade é verificar que Eça de Queiroz se lhe venha a referir em outro lugar, não só invocando-lhe o

<sup>14</sup> *Obras*, vol. 1, 466; ed. Livros do Brasil, 144.

<sup>15</sup> *Obras*, vol. 2, 804 e 1106.

<sup>16</sup> *Dicionário de Eça de Queiroz*, cit., “Patrística”, 698-700.

<sup>17</sup> *Obras*, vol. 2, 1596; ed. Livros do Brasil, 332.

nome, mas louvando-se expressamente em ideias que são objecto de um seu escrito determinado.

Basílio Magno nasceu em Cesareia da Capadócia no seio de uma família distinta e enraizadamente cristã entre 329 e 331. Com seu irmão mais novo, Gregório de Nissa, e com o seu amigo, Gregório de Nazianzo, forma o grupo de doutores da Patrística Grega em conjunto denominados como os três Grandes Capadócius, já que os uniu uma profunda amizade e uma comunhão de interesses intelectuais.

Recebeu a primeira formação literária junto do pai, que era professor de retórica. Em Cesareia da Capadócia — que Gregório de Nazianzo designa como “a metrópole da eloquência, não menos que a metrópole das cidades” — seguiu os estudos iniciados na escola paterna, continuando-os com os de Filosofia, que completou em Constantinopla e, sobretudo, em Atenas.

Regressado finalmente à terra natal cerca do ano 356, iniciou-se também na profissão de mestre de retórica, a que renunciou para abraçar uma vida inteiramente consagrada a Deus, tendo então recebido o baptismo. Defendida desde muito cedo na Igreja primitiva a doutrina do baptismo das crianças (que já S. Cipriano, no século terceiro, prescreve), durante os primeiros séculos com ela se conciliou a prática do catecumenato e baptismo dos adultos, mesmo entre famílias cristãs, como era o caso de Basílio.

A seguir, viajou pela Síria, pela Palestina e pelo Egipto, a fim de conhecer e contactar com a vida monástica, vindo a tornar-se um grande organizador do monaquismo oriental. Para os monges escreveu alguns tratados ascéticos e redigiu Regras monásticas que também foram utilizadas no Ocidente. Nelas bebeu o fundador do mosteiro de Montecassino, São Bento.

Regressado finalmente à terra natal, foi ordenado sacerdote em 364 pelo bispo Eusébio, a quem sucedeu no episcopado em 370. Basílio morreu nove anos mais tarde, em 1 de Janeiro de 379.

Das homilias e sermões são notáveis as nove longas homilias sobre o *Hexaëmeron*, pronunciadas antes da ascensão ao episcopado. Nelas procura explicar o sentido literal da descrição bíblica dos seis dias da criação, segundo o *Génesis*. Também através delas influiu no Ocidente, pois foram utilizadas por Ambrósio de Milão, apenas dez anos mais tarde.

Singularizando-se um pouco entre a maior parte dos padres gregos, especialmente empenhados em discussões de temas especulativos, Basílio dedicou-se de modo particular à explanação prática, tanto no âmbito pastoral como no domínio moral, das verdades da fã, pelo que alguém lhe chamou “um Romano no meio dos Gregos”. É um pequeno tratado

inspirado por um problema de ordem prática que Eça de Queiroz pretende invocar.

Em *O Crime do Padre Amaro*, na terceira versão do romance, de 1880, aquela em que pela primeira vez aparece a figura do abade Ferrão, encontra-se reclamada a autoridade do mestre Capadócio. Efectivamente, conversando com o doutor Gouveia, o abade Ferrão “lançou-se então com calor numa dissertação sobre a sabedoria da Igreja, os seus altos estudos gregos e latinos, toda uma filosofia criada pelos santos padres...”, para vir a exclamar: — “Leia S. Basílio!”. A frase com que completa a invocação do grande doutor permite-nos identificar o texto para que remete.

S. Basílio foi em Constantinopla ouvinte das lições do sofista platonizante, ou mestre de retórica, Libanios. Este, que nasceu em Antioquia cerca de 314, estudou em Atenas com Zenóbio e ensinou durante dois períodos em Constantinopla e em Niceia, Nicomédia, Atenas, vindo a fixar-se em 354 em Antioquia, onde morreu cerca de 393. Foram seus alunos o imperador Juliano, Anfíloquio, que a instâncias de Basílio viria em 373 a ser bispo de Iconium, Teodoro de Mopsuéstia e, além de Basílio, também os doutores da Igreja Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo. Embora pagão, que detestava os cristãos e colaborou mesmo na tentativa de Juliano, o Apóstata, para a restauração do paganismo, Libanios manteve boas relações com os cristãos. Existe uma epistolografia trocada entre Libanios e S. Basílio que, apesar da sua autenticidade ser por alguns posta em causa — especialmente quanto a certos espécimes que não são os que aqui interessam — elucida as preocupações culturais do mestre Capadócio<sup>18</sup>.

S. Basílio recomenda-lhe alunos que envia para lhe seguirem as lições. Escreve: “Ser vosso aluno é o que há de mais desejável para aqueles que sabem discernir o mérito de um homem”. A importância que atribuía à formação literária haurida nos autores clássicos, expressa-a na frase com que inicia esta mesma carta a Libanios: “Sinto-me confundido por vos enviar, um a um, os Capadócios, e não conseguir convencer todos os que estão em idade de isso a entregarem-se à eloquência e à cultura e a colocarem-se sob o vosso magistério para aproveitarem das vossas lições”<sup>19</sup>. Mais interessante ainda é outra epístola em que realça a importância do estudo dos clássicos, apesar de pagãos: “Quanto a nós, meu admirável amigo,

---

<sup>18</sup> Vide Y. COURTONNE, *Saint Basile et l'hellénisme*, Paris, 1934.

<sup>19</sup> As cartas de S. Basílio encontram-se em MIGNE, *Patrologia Graeca*, XXXII. Utilizamos Saint Basile, *Lettres*, Texte établi et traduit par YVES COURTONNE, Paris (“Les Belles Lettres”), III, 1966, 202.

tomamos a Moisés, a Elias e a outros Bem-aventurados semelhantes como nossa companhia, mas que nos fazem ouvir os seus ensinamentos numa língua bárbara. Nós dizemos aquilo que eles nos ensinam: o seu sentido é verdadeiro, mas a expressão é rude, conforme esta mesma carta vo-lo mostra. Se vós me fizestes aprender alguma coisa, o tempo depressa me fez esquecê-lo”<sup>20</sup>.

Basílio Magno deixou uma pequena obra *Sobre a leitura dos autores gregos* que obteve fortuna entre os Humanistas. Leonardo di Francesco Bruni d’Arezzo traduziu-a para latim e publicou-a, dedicando-a em 1405 ao seu amigo e predecessor na chancelaria florentina Coluccio Salutati. Esta iniciativa de Leonardo Aretino insere-se numa querela sobre a relação entre a cultura pagã e o cristianismo, onde interviera Fra Giovanni de San Miniato. No século XV aquelas páginas basilianas foram por duas vezes traduzidas em vernáculo, por Antonio di Lorenzo Ridolfi e por Giovanni di Messer Donato Cocchi<sup>21</sup>.

Não se trata de um discurso ou homilia, mas porventura de um registo de conselhos dados aos sobrinhos, reelaborados para servirem à juventude escolar ou mesmo ao público mais largo das pessoas cultas.

Escreve S. Basílio: “Não vos surpreenda que, frequentando vós a escola e convivendo com os mais ilustres espíritos da Antiguidade através dos escritos que nos deixaram, pretenda eu ter encontrado por mim alguma coisa de proveitoso a acrescentar-lhes. Venho precisamente para vos aconselhar a que não lhes entregueis em definitivo a orientação do vosso espírito, deixando-vos ir, como um navio, para onde vos levem; mas que, aproveitando de eles aquilo que têm de útil, saibais também aquilo que deve ser posto de lado. Como discerni-lo e como fazer essa escolha, eis o que vou imediatamente ensinar-vos”<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> Ibid., 207.

<sup>21</sup> Vide E. GARIN, *L’éducation de l’homme moderne (1400-1600)*, Traduit de l’italien par Jacqueline Humbert, Paris, Fayard, 1968, 120.

A tradução de Leonardo Bruni foi incluída na colectânea publicada por Pier Paolo Vergerio, *Ad Vbertinum Carariensem de Ingeniis moribus opus preclarissimum* [*Accedunt: Basilii Magni de Legendis antiquorum libris opusculum, latine Leonardo Bruno Aretino interprete ... etc*] de cerca de 1475. Cf. NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES, *O Príncipe ideal no Século XVI e a Obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994, 226, nota 1.

<sup>22</sup> O opúsculo de S. Basílio encontra-se publicado na *Patrologia Graeca*, XXXI, 563-590. Utilizamos a edição com o título *Aux Jeunes Gens sur la manière de tirer profit des lettres helléniques*, Texte établi et traduit par F. Boulenger, Paris (“Les Belles Lettres”), 1952; 42.

Exemplifiquemos o modo como S. Basílio aconselha a leitura dos poetas: “Como eles são muito variados nas suas descrições, não se deve dispensar a todos a mesma atenção. Quando os feitos ou ditos que eles relatam são de homens de bem, é preciso amá-los, imitá-los e fazer o mais possível por assemelhar-se-lhes; mas quando se detêm sobre personagens viciosas, é preciso que vos acauteleis desses exemplos, fechando os ouvidos, exactamente como Ulisses, segundo eles contam, perante o canto das Sereias”<sup>23</sup>.

Talvez seja ao antigo mestre Libanios que Basílio Magno queira referir-se quando, adiante, escreve: “Além disso, ouvi dizer a um homem, perito na interpretação do pensamento dos poetas, que para Homero toda a poesia é um elogio da virtude e que tudo nele, a não ser acessoriamente, tende a este fim”<sup>24</sup>.

Os homens do Renascimento interpretaram as expressões deste escrito basiliano como sendo elogio à cultura helénica. A elas, também assim entendidas, faz apelo Eça, ao colocar na boca do abade Ferrão a frase: — “Leia S. Basílio! Lá verá o que ele diz dos estudos dos autores profanos, que são a melhor preparação para os estudos sagrados”!<sup>25</sup>. O nosso romancista conhecia-lhes o teor, muito provavelmente de forma indirecta e no viés dos Humanistas.

Conforme observa Henri-Irénée Marrou, não devem as páginas do doutor da Capadócia ser tomadas como constituindo tratamento em forma sobre a utilidade do estudo dos clássicos pagãos, nem um incitamento à sua leitura. É antes uma prevenção sobre o perigo que eles constituem e sobre o modo de o vencer, aconselhando a que sejam interpretados à luz da moral evangélica e seleccionados. A sua leitura é útil, já que a formação cristã se acrescenta aos “studia humanitatis”, ainda não depurados das descrições da mitologia e das suas incompatibilidades com a verdade e a moral cristas<sup>26</sup>.

O problema cultural subjacente punha dificuldades, que Tertuliano dirimia com o seu rigorismo: “Quid ergo Athenis et Hierosolymis? Quid academiae et ecclesiae?”. S. Jerónimo, em carta de 397-398, mostrará a

---

<sup>23</sup> *Ibid.*, 44.

<sup>24</sup> *Ibid.*, 47.

<sup>25</sup> *Obras*, vol. 1, 347; ed. Livros do Brasil, 469.

<sup>26</sup> HENRI-IRÉNÉE MARROU, *Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité*, 6.<sup>a</sup> ed., Paris, Du Seuil, 1965, 462. Sobre a interpretação deste texto de S. Basílio, S. GIET, *Les Idées et les Doctrines sociales de Saint Basile*, Paris, 1941, 217-232.



Magnus que a cultura pagã podia ser utilizada pelos cristãos; mas antes, em 383-384, descrevia em carta à jovem Eustóquio o célebre *Sonho*, em que procura responder à acusação: “Ciceronianus es, non christianus”, que tanta fortuna encontrou<sup>27</sup>.

J. M. DA CRUZ PONTES

---

<sup>27</sup> Vide P. Antin, “Autour du songe de saint Jérôme” in *Revue des Études Latines*, 41 (1963), 350-377.